

# As cidades onde Lula e FHC já estão eleitos

Mamonas, em Minas, sofre com a miséria da seca e deu 92% dos votos ao presidente, em 94. Boa Esperança do Iguaçu, no Paraná, vive com fartura na fértil terra roxa e preferiu o candidato do PT

Ricardo Lessa  
de Mamonas e Boa Esperança do Iguaçu

Se colocados juntos, chamariam tanta atenção quanto as duplas que fazem a alegria da criançada nos desenhos animados da televisão. Mas a geografia e a política os situaram a 2,5 mil quilômetros de distância e em pólos ideológicos opostos. Élio Schmitz, 44 anos, 1,90m, cresceu na fertilidade da terra roxa do Sudoeste paranaense. Ailton Santana, 42, não chegou a 1,60m, no estorricado sertão do norte de Minas.

Líderes locais de partidos antagônicos, um participa desde criança das comunidades eclesiais de base, outro não é candidato a santo. Mas os dois assinalaram façanha semelhante. Inscreveram seus pequenos municípios, que sequer faziam parte do mapa até pouco tempo, na história eleitoral do País, como os extremos da votação de Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso, em 1994.

Autêntico herdeiro da severa colônia alemã do Sul, Élio liderou o eleitorado da fértil Boa Esperança do Iguaçu, 580 quilômetros a oeste de Curitiba, na mais expressiva votação percentual do candidato do PT, 63,84%, 20 pontos acima do registrado na cidade adotiva de Lula, S. Bernardo do Campo.

O irrequieto Ailton, filho de agricultores, ex-PM, apreciador da prosa como bom mineiro e da excelente

pinga artesanal local, liderou o eleitorado da árida Mamonas, 670 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, na mais acachapante vitória de Fernando

Henrique Cardoso: 92,27 % dos votos, uma quase unanimidade de fazer inveja a qualquer líder político.

Os altos percentuais dos dois candidatos nesses municípios não são discrepâncias estatísticas. Na região que vai do Sul do Rio Iguaçu, no oeste do Paraná, até o Noroeste do Rio Grande do Sul, Lula registra algumas de suas melhores performances eleitorais. Enquanto, Fernando Henrique Cardoso levou sempre mais de 80% dos votos, no pobre e pouco alfabetizado norte de Minas, região incluída pela Sudene no polígono da seca.

Os dados, do Atlas Eleitoral da Nova República elaborado por Cesar Romero Jacob, Dora Hees, Philippe Waniez e Violette Brustlein, mostram que o comportamento dessas regiões vem da eleição de 1989 e nada indica que mudará este ano.

O que os números não explicam é por quê o bem fornido eleitor do oeste paranaense, coberto de lavouras de cereais e leguminosas, que teria todas as razões para estar mais satisfeito, escolhe votar na oposição de Lula, enquanto o quase famélico lavrador dos Sertões de Minas, prefere votar na situação tucana.

Os lavradores Guerino Cândido, do Paraná, e Gonçalo Xavier, de Minas, têm muitas coisas em comum. A mão calejada de trabalhar por mais de 35 anos em áreas consideradas minifúndios, em torno de 20 hectares de terra. Pouca instrução, muitos filhos, seis para Guerino e cinco para Gonçalo. A base de produção é o milho e o feijão. Os dois mantêm pequenas criações de ani-



Ailton Santana



Élio Schmitz

mais para subsistência. Mas guardam predileções políticas completamente opostas.

Na varanda de uma casa de madeira, cercada de laranjeiras e abacateiros carregados, o lavrador Guerino Cândido, 49 anos, proprietário de 16 hectares em Boa Esperança do Iguaçu, explica por que preferiu o PT: “Os pequenos têm que se pegar com os pequenos, os grandes logram uns e outros e sempre se viram, os pequenos não podem lograr ninguém, senão vão para a cadeia”.

No terreiro de sua casa de adobe, onde se vê jogado um motor de irrigação, inútil nos dias de hoje por causa da seca, Gonçalo Xavier da Silva, 47, proprietário de 30 hectares em Mamonas, 5 filhos, diz por que prefere Fernando Henrique: “O

**“Pequenos têm que se pegar com pequenos, grandes logram uns e outros”, diz o lavrador Guerino Cândido, eleitor de Lula**

presidente já conhece o trabalho, o Plano Real dele foi muito bom, ainda não estamos no estado desejado, mas espero que a *miora* chegue”.

Guerino frequentava junto com Élio Schmitz, as reuniões de casais e outras pastorais da Igreja Católica. Gonçalo diz que é um católico relapso: “Sei que é importante ir a Igreja, mas nunca sobra tempo”. Mesmo se sobrasse, não veria padre. Os ~~ofícios da igreja de Mamonas~~ são exercidos por um diácono, que divide seu tempo entre batismos, casamentos e a oficina de alfaiate.

A grande força do PSDB em Mamonas vem de uma aliança local com uma agremiação política que o presidente provavelmente jamais ouviu falar: os “Pé Duro” — assim mesmo no singular. “Aqui não tem esse negócio de partido, é “Pé Duro”, contra “Pé Mole”, explica Ailton Santana, primeiro prefeito da cidade emancipada em 1992, do município de Espinosa, e principal cabo eleitoral, tesoureiro e assessor de seu sucessor, o marceneiro Abelar Alves de Sá, 35 anos.

No caso, os “Pé Mole” foram a coalizão entre PMDB e PFL, que foram contra a emancipação de Mamonas e derrotados por diferença esmagadora pela chapa tucana. O PT não existe na cidade e Gonçalo não sabe muito bem quem é Lula. “Não vou falar que ele é o *mais ruim* nem que é o *mió*, é uma pessoa que não tenho conhecimento. Poderá ser bom, mas não posso informar.”

O município mais cardosista do Brasil fica plantado no centro de um vale cor de palha e cinza das Gerais, como as terras percorridas por Rio-baldo e Diadorim, personagens de “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa: “Ali chovia? Chove

— e não encharca poça, não rola enxurrada, não produz lama: a chuva inteira se soverte em minuto terra fundo, feito azeitinho entrador”, diz o narrador do romance.

Não chove desde o ano passado. Ainda há água para beber nas fontes das montanhas, mas a população teme que elas sequem até outubro, quando reinicia a temporada de chuvas. O município já recebeu duas levadas de cestas básicas do governo federal e uma da Rede Bandeirantes de Televisão. “Recebemos 580 cestas básicas, mas precisávamos 1.100”, conta o prefeito. Para distribuí-las, as comunidades se reuniram e definiram os mais necessitados.

Nessas reuniões comunitárias pode estar a explicação do alto desempenho eleitoral do PSDB no município. Não só Fernando Henrique recebeu seu melhor índice ali nas últimas eleições, como também o governador tucano Eduardo Azeredo: 77,77% dos votos.

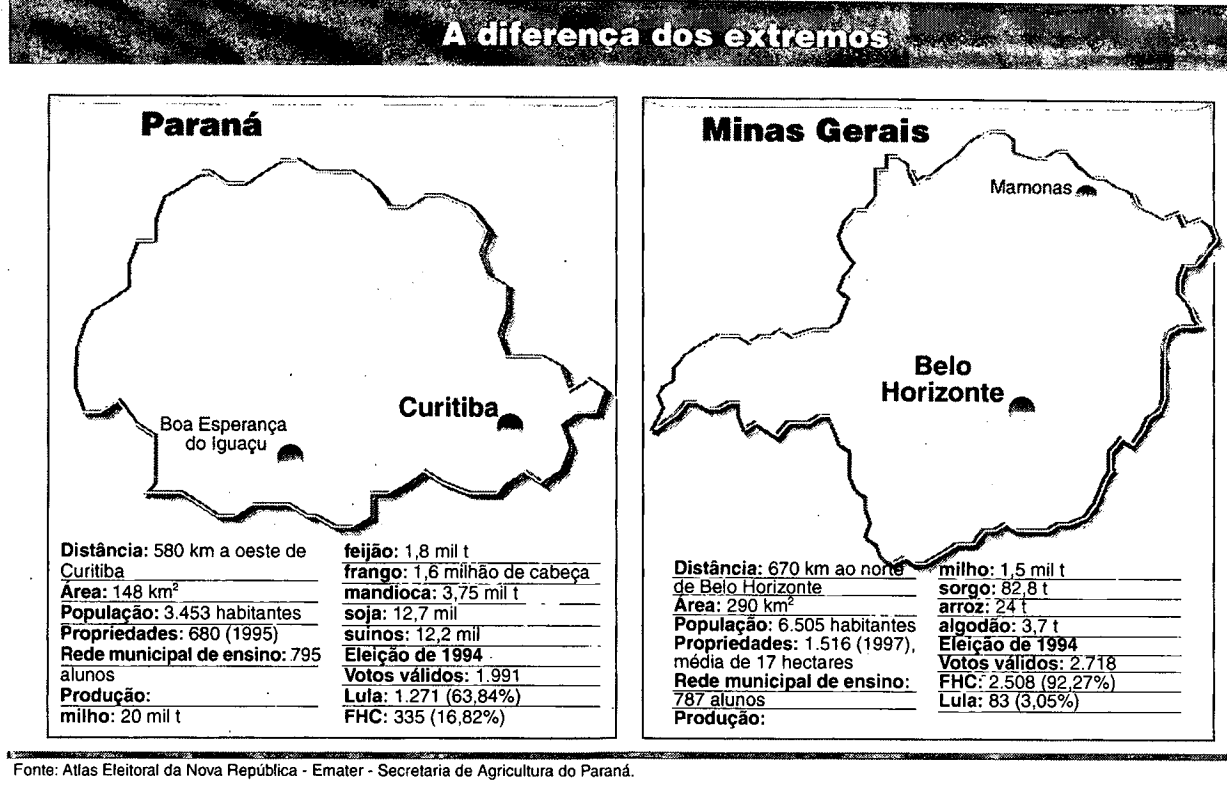
“Organizamos 32 associações nos últimos 5 anos”, conta o ex-prefeito Ailton Santana, presidente da maior delas, a Associação Comunitária de Mamonas. Com o apoio delas e do governo estadual, ele transformou a vida da localidade nos últimos seis anos e, por isso, mereceu e mantém a confiança maciça dos eleitores.

“O que esse homem disse, a gente acompanha”, diz Gonçalo, ecoando ~~do uma frase que o repórter ouviu~~ dezenas de vezes durante dois dias de entrevistas. E não é à toa. Junto com uma equipe de secretários entre 20 e 30 anos, ele começou a administrar o novo município quando se emancipou de Espinosa, e o transformou radicalmente.

As ruas, que eram de barro, foram calçadas com placas de cimento fabricadas na própria cidade. A eletrificação rural que era nula subiu para 96%. Foi construído um hospital com três médicos e um dentista e todas as crianças foram colocadas em salas de aula, novas ou ampliadas. Para vencer a tradicional dificuldade das populações rurais, Ailton montou um sistema com 12 caminhões e picapes alugados, somados a um ônibus velho da Prefeitura para levar as crianças para as escolas.

“Eu sei que é até proibido esse tipo de transporte, mas não temos dinheiro para comprar ônibus”, conta Ailton, que se queixa de nunca ter recebido qualquer verba do governo federal. “Aqui não temos nem Comunidade Solidária”, reclama, “enquanto Jaíba, município vizinho, apesar de ter um dos maiores proje-

**“O Plano Real dele foi muito bom, mas espero que a ‘miora’ chegue”, diz o agricultor Gonçalo da Silva, eleitor de FHC**



Fonte: Atlas Eleitoral da Nova República - Emater - Secretaria de Agricultura do Paraná.

tos de irrigação do País, tem.”

Com verbas do orçamento municipal de R\$ 100 mil mensais, empréstimos e recursos de programas estaduais, ele construiu também um mercado municipal, uma agência do Banco do Estado de Minas Gerais (Bemge), inaugurou uma rádio FM local e até uma área de lazer, com piscina e açude, com um bar suspenso por colunas no centro do espelho d'água, atualmente reduzido por causa da seca.

Embora fora da prefeitura, mantém agenda cheia. Recebe os eleitores em casa, a mais vistosa do local, com três andares, na praça principal da cidade. Não se encaixa no perfil do coronel tradicional das regiões pobres do País, mas se sai bem como aspirante ao coronelato: ouve desde reclamações de dívidas não pagas até questões conjugais. Divide seu tempo entre Mamonas e Belo Horizonte, onde mantém contatos com um deputado federal do PSDB, que o ajuda a conseguir verbas.

“Agora eu fico em hotéis com ar-condicionado e televisão, mas na luta pela emancipação, cansei de dormir no banco da rodoviária e passar ~~o tempo para lavar e trazer papéis de~~ Espinosa até a Assembléia Legislativa em Belo Horizonte”, recorda Ailton, que foi vereador na cidade vizinha antes da emancipação de Mamonas.

A luta pela emancipação que levou para as nuvens os índices eleitorais de Fernando Henrique em Mamonas, também funcionou como um excelente combustível para o recorde eleitoral de Lula em Boa Esperança do Iguaçu. Assim como Ailton, Élio Schmitz foi um dos principais cabeças da emancipação de sua localidade.

As semelhanças não param aí. Boa Esperança é também um município de pequenas propriedades. Das 4.080 registradas pela Emater, 80% têm 20 hectares, o módulo mínimo produtivo regional, ou menos. A média em Mamonas, que têm 1.516 proprietários, é 17 hectares.

A diferença de produtividade é maior do que a distância entre os 1,90m de Élio e o pouco mais de metro e meio de Ailton. Enquanto o município paranaense produziu 20 mil toneladas de milho e 1.832 de feijão no ano passado, o mineiro pouco passou de 1.584 toneladas de

milho. O feijão não deu nada.

Boa Esperança produziu 1,6 milhão de cabeças de frango, 3.750 toneladas de mandioca, 12.700 toneladas de mandioca e 600 toneladas de trigo. Quase 70% da produção agrícola é mecanizada. Mas, toda essa produção não fez a felicidade dos agricultores locais com o governo tucano.

“O Plano Real matou a gente”, comenta Elza, casada com Élio. E mostra na ponta do lápis o prejuízo que vem tendo nos últimos anos. Um saco de adubo custava R\$ 9,00 no início do Plano, hoje custa R\$ 18,00, enquanto o saco de milho que vendida a R\$ 7,00 só atinge esse preço hoje com muita sorte.

O eleitor do PT Guerino Cândido dá outro exemplo. A farinha de trigo, saco de 5 quilos, um dos principais produtos de consumo na região, passou de R\$ 1,30 a R\$ 3,00 hoje. Outro gasto alto na casa de Guerino, é com remédios. A mulher, assim como a esposa e ~~mão de Élio, sofre de pressão alta e~~ obesidade, problemas de dietas ricas em carboidratos e gordura.

Por acaso, a esposa de Gonçalo, em Mamonas, também sofre de obesidade. Mas ela é um caso à parte na cidade, onde a maioria da população é magra. “Um dia a gente come feijão, no outro come arroz e assim vai controlando”, diz Valdir Rodrigues da Silva, 29 anos, líder da comunidade de Pinhão, em Mamonas.

Na festa de Santo Antônio, dia 17 último, num distrito de Mamonas, a canjica era vendida a R\$ 0,20, a pamonha, R\$ 0,30. Assim mesmo não tinha saída. Os poucos mais de 30 presentes preferiam dançar, que o som era de graça. No máximo, ia uma cervejinha, R\$ 1,00, que ficava em conta, se repartida por quatro.

“A principal fonte de renda hoje aqui é a aposentadoria”, informa Ailton. Em segundo lugar vem a prefeitura, que emprega 180 pessoas. Sua próxima iniciativa é levar o asfalto até a cidade, que ainda tem o acesso em estrada de terra.

O líder petista paranaense não teve chance de fazer melhorias na sua cidade, duas ruas com calçamento de pedras irregulares e uma dúzia de casas comerciais. Ficou com o cargo de vice, numa coalizão com o PDT. O prefeito brizolista, Ervino Alberton, reconhece o papel de seu parceiro de chapa na emancipação da cidade

da vizinha Dois Amigos, em 1993, mas não manteve a convivência com o PT por muito tempo.

Hoje, Élio sequer tem sala própria na Prefeitura. Conta que até o ano passado ocupava o cargo de prefeito em caso de vacância e mantinha o diálogo, mas em agosto os dois romperam quando o petista quis criar um crédito rotativo para pequenos agricultores locais a partir do desconto mensal de 1% da verba do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), principal fonte de renda da cidade, em torno de R\$ 100 mil.

O presidente do PT local tem outras idéias para melhorar a produção do município. Quer atrair uma enlatadora de milho verde e uma ensacadora de feijão. Pretende ainda montar um latifúndio para beneficiar a produção local de leite, que anda em torno de 12 mil litros diários.

Élio Schmitz tem uma explicação para a alta votação de Fernando Henrique no norte de Minas: “Se o sujeito anda com o estômago colado na espinha, vota em que lhe dá comida”. Élio herdou do pai, o espírito de luta pela terra. Elias Schmitz, 76 anos, morando num terreno anexo, participou dos conflitos agrários que

conflagraram o Sudoeste do Paraná no final da década de 50.

Ele esteve entre os mais de 4 mil agricultores que se concentraram na cidade de Francisco Beltrão, em 1957, pedindo a posse de terras que eram reivindicadas pela empresa imobiliária CITLA, relacionada com o governo paranaense da época. “Houve muita morte, os jagunços queriam tirar a gente a força”, recorda ele.

Guenário, vizinho de terra de Élio, acha que num governo do PT os pequenos agricultores como ele teriam mais atenção e poderiam viver melhor. A filha, professora pri-

**“Aqui não tem esse negócio de partido, é ‘Pé Duro’, contra ‘Pé Mole’”, diz Ailton Santana, primeiro prefeito de Mamonas**

mária, gostaria de ir para a faculdade, mas não há dinheiro para isso. Comida porém não falta: “Aqui, o último a ficar com fome é o agricultor”.

Mesmo se o par de bois para puxar seu arado — “o trabalho que eu mais gosto de fazer” — ele diz que não falta almoço e jantar.

Élio tem um pouco mais de terra, 33 hectares, e com a ajuda do salário de vice-prefeito, R\$ 700, consegue manter o filho na faculdade, administração agrícola, em Francisco Beltrão. A mulher Elza cuida das vacas e apura entre R\$ 100 e R\$ 140 com a venda do leite. Fora da casa, uma horta fornece as verduras para o dia a dia e 15 espécies diferentes de remédios caseiros.

A refeição diária é farta. Polenta de milho, salada, pão caseiro de trigo e batata com nata, arroz, feijão e uma carne, que pode ser de frango, porco ou boi, e um copo de vinho que vem da campanha gaúcha. Em Mamonas, a mandioca e arroz com feijão são a peça de resistência. “Carne, às vezes tem às vezes não”, como diz o mineiro Gonçalo.

“A aranha *veve* do que tece”, acrescenta ao estilo Guimarães Rosa. Ele está vivendo este ano do que acumulou no ano passado. O paiol tem milho, mandioca e feijão. No terreiro, frangos e no quintal doze leitões. Para as oito cabeças de gado, ele está tirando água de uma cacinha de três metros de profundidade, que ele mesmo cavou.

Em que o Real melhorou sua vida?, perguntei a Gonçalo. “Para mim não foi tão real porque ele afa-

tou o atravessador, ele é que comprava nossa produção”, explica. “Como deixou de ter lucro com a inflação, se afastou de nós. Mas não culpo o Plano. Nós é que temos que formar nossa cooperativa para comercializar nossa produção.”

Ele mostra desolado o leito do rio seco, que abastecia a plantação de milho, feijão, alho, mandioca e arroz. Quer a construção de uma represa para aumentar a reserva de água de Sapé de Cima, região de Mamonas. Praticamente tudo que Gonçalo planta é sem adubo. Segundo a Emater, a terra da região é fértil. Só falta a água. “Espero que Deus que venha a chuva e a roça seja venturada. Se Deus manda assim, a gente vai tentando. Não passa bem, mas *veve* a vida”, filosofa.

O paranaense Guerino não sente falta de chuva, sente falta de melhores preços para seus produtos, facilidades de crédito. E acha que um governo petista traria isso. Guerino e Gonçalo são lavradores produtivos o suficiente para criar e educar uma família. Com sotaques diferentes, petista e tucano querem encontrar um jeito de viver melhor do que vivem. Afinal, “esse sertão é sem tamanho, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões”, como disse o mineiro Guimarães Rosa.